



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social

A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA: FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL

INEZ ROCHA ZACARIAS ¹

MARIA FERNANDA ESCURRA ²

ZIZA DOURADO ³

RESUMO:

A apropriação da crítica da economia política de Karl Marx, originalmente, no início da década de 1980, traz contribuições fundantes para o reconhecimento do significado social da profissão de Serviço Social, inserida na divisão social e técnica do trabalho, a partir do processo de produção e reprodução das relações sociais do seu surgimento ao momento contemporâneo.

Palavras-chave: Crítica da economia política; relações sociais; Serviço Social.

ABSTRACT:

The appropriation of Karl Marx's critique of political economy, originally at the beginning of the 1980s, brings fundamental contributions to the recognition of the social meaning of the profession of Social Service, inserted in the social and technical division of labor, based on the process of production and reproduction of social relations from their emergence to the contemporary moment.

Keywords: Criticism of political economy; social relationships; Social Work.

Introdução

O artigo busca explorar parte do resultado de estudos e reflexões que as autoras têm

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

desenvolvido nos últimos dois anos como integrantes de uma pesquisa em rede e de um seminário de estudos e pesquisa sobre O *Capital* de Karl Marx. Em ambos os espaços, as pesquisas estão em articulação com diversas universidades brasileiras e estrangeiras de forma a ampliar e refinar o debate acerca da profissão de Serviço Social. O subgrupo que ora apresenta este artigo, tem se dedicado ao objeto de pesquisa centrado na crítica da economia política e no trabalho de assistentes sociais.

Os avanços no debate são reconhecidos e significativos, entretanto, de acordo com a hipótese levantada por lamamoto (2008, p.213, *grifos da autora*), a incorporação pela categoria profissional de que o Serviço Social é uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho é ampla e “*de domínio público, o mesmo não ocorrendo com os seus fundamentos referentes ao processo de produção e reprodução das relações sociais, o que justifica a necessidade de sua retomada e aprofundamento com foco privilegiado no trabalho (...)*”.

Então, a partir desse direcionamento busca-se contribuir com a análise da profissão em suas situações concretas ao considerar o objeto de trabalho de assistentes sociais a partir da sua gênese e configurações sócio-históricas.

Para apontar os elementos principais da pesquisa, no espaço proposto, tratamos num primeiro momento dos fundamentos teórico-metodológicos e históricos que nutrem a reflexão resgatando estudos na fonte marxiana acerca do processo de produção e reprodução das relações sociais na sociedade capitalista. Em um segundo momento do desenvolvimento desse artigo trazemos análises que demonstram que a atividade de assistentes sociais é trabalho a partir da totalidade histórica, teórica e metodológica. Por fim, breves apontamentos finais reafirmando o trabalho no processo de produção, circulação, distribuição e consumo de mercadorias no duplo caráter do trabalho concreto e do trabalho abstrato.

Produção e reprodução do capital: as relações sociais

As relações sociais na sociedade capitalista expressam a particularidade burguesa historicamente constituída no processo de produção e reprodução das relações sociais que envolvem processos diversos, tais como os econômicos, políticos, culturais, ideológicos, éticos e espirituais. O fator econômico determinante, segundo Marx (s/d), é o capital que, todavia, como indica o próprio Marx é desmistificado de sua aparência. Capital não é coisa, bens, riquezas entesouradas, tampouco é dinheiro. As relações entre pessoas aparecem como relações entre



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

coisas, como se a propriedade natural das coisas expressasse, por si mesma, as relações sociais. A forma natural e imediata destas relações é superada quando o trabalho assalariado é reconhecido na dinâmica produtiva do capital. A produção de valor e de mais-valor é condição para a produção capitalista, para a lógica do capital e do próprio capitalista. Não resta dúvidas à economia burguesa de que não existe trabalho que não esteja sob o controle do capital, uma vez que não há capital sem trabalho assalariado e trabalho assalariado sem capital.

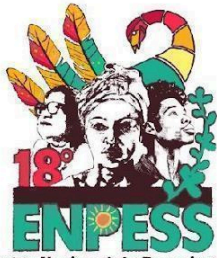
Seguindo com as reflexões de Marx (s/d), o capital, em seus elementos simples, é constituído pelos meios de produção utilizados pelo trabalhador no processo de trabalho, que são de propriedade do capitalista e do trabalho, do emprego da força vital humana. Através do processo de trabalho, o trabalhador utiliza os meios de produção como recurso para realização de seu trabalho e o objeto de trabalho torna-se a representação da matéria do trabalho. Sob a perspectiva do processo de valorização, entretanto, não é o trabalhador que se aplica aos meios de produção e sim o seu contrário. “Não é o trabalho vivo que se realiza no trabalho material como seu órgão objetivo; é o trabalho material que se conserva e se acrescenta pela sucção do trabalho vivo, graças ao qual se converte num valor que se valoriza, em capital, e funciona como tal” (MARX, s/d, p. 54). Os meios de produção, em si, são concentrações da maior quantidade de trabalho vivo possível, como meio de valorização de valores previamente existentes.

Diante desta condição que os meios de produção se apresentam, sempre, a cada novo processo de produção como essência do capital, como se através de um passe de mágica brotassem no processo de produção, em condição de subjugar o trabalho vivo de modo a produzir e reproduzir relações de manutenção e ampliação do capital. “É justamente como *criador de valor*, que o trabalho vivo se incorpora de maneira constante no processo de valorização do trabalho objetivado [...]. Como esforço, como dispêndio de força vital, o trabalho é a atividade pessoal” do trabalhador (MARX, s/d, p. 54). Desse modo, o trabalho enquanto criação do valor, no processo de produção, incorpora valor ao capital. Conserva valor e cria mais valor num processo de “autovalorização” do capital e, ao criar valor, produz, no mesmo processo, um valor que não lhe pertence. Processo este em que, as reais condições de trabalho dominam o trabalhador no processo de produção. Ao mesmo tempo em que conserva o valor pretérito, *produz mais-valor*, ou seja, autovalorização do capital investido. O trabalho embutido nos meios de produção é o mesmo do trabalho recém-incorporado. A diferença entre eles é a de que o primeiro se configura como valores de uso e o segundo como trabalho objetivado no processo imediato: “um está morto, e o

outro vivo; um está objetivado no pretérito perfeito, o outro está-se objetivado no presente” (MARX, s/d, p. 60).

A força de trabalho, a capacidade humana de trabalho só se efetiva, na sociedade do capital, na relação contraditória entre capitalista e trabalhador, ambos possuidores de mercadorias. O primeiro de meios de produção que precisam ser animados pelo segundo, que possui a força de trabalho apta para ser trocada por salário e este para ser convertido, gasto em meios de sobrevivência do trabalhador e de sua família. “O *trabalho objetivo*, porém, só no interior do processo de produção se transforma, mediante a absorção de trabalho vivo, em capital e só assim, portanto, o trabalho se transforma em capital”. Não obstante, “o processo de produção capitalista é a unidade de dois processos: o de trabalho e o de valorização” (MARX, s/d, p. 61, *grifos do autor*). É o processo de transformação de dinheiro em capital a partir de mercadorias produzidas através de processos de trabalho – pretéritos ou imediatos. Com o dinheiro, o capitalista compra a força de trabalho e os objetos necessários para o consumo da capacidade de trabalho. Estes objetos – matérias-primas, meios de trabalho em geral, são convertidos em valores de uso do próprio trabalho, objetos que já foram produtos (finais) em outros processos de produção, entram aqui, num novo processo de produção como meios para o consumo da força viva, produtiva do trabalho, capacidade humana de criar, transformar e produzir produtos, mercadorias, para satisfação de necessidades sociais. “O mesmo valor de uso que é produto desse trabalho constitui o meio de produção de um trabalho ulterior, de modo que os produtos são não apenas resultado, mas também condição do processo de trabalho” (MARX, 2015a, p. 259). O capital, antes sob a forma dinheiro, agora se configura sob a forma processo de trabalho. O elemento fundamental no processo de produção, nas reflexões marxianas, é a força de trabalho. A força vital do trabalhador.

Para transformar o dinheiro em mercadorias que servem de meios objetivos ou fatores para outros processos de trabalho, o capitalista incorpora força viva de trabalho à materialidade morta. O capitalista transforma o valor (do trabalho pretérito, morto) “em capital, em valor que se autovaloriza, um monstro vivo que se põe a ‘trabalhar’” (MARX, 2015a, p. 271). O produto deste processo de produção não é apenas o valor de uso da mera mercadoria, tampouco o seu valor de troca. O seu produto essencial é o mais-valor. O processo de produção capitalista é meio não só para a produção de valor, mas para a produção de mais-valor. “Assim como a própria mercadoria é unidade de valor de uso e valor, seu processo de produção tem de ser a unidade de processo de trabalho e o processo de formação de valor” (MARX, 2015a, p. 263). O processo de produção



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

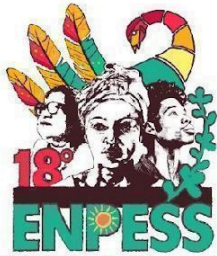
10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

é a síntese da unidade entre processo de trabalho e produção de valor. A produção de mercadorias, em face da unidade entre processo de trabalho e processo de valorização, é o que designa o modo capitalista de produzir. Não obstante,

Seja qual for a forma social do processo de produção, ele tem de ser contínuo ou percorrer periodicamente, sempre de novo, os mesmos estágios. Assim como uma sociedade não pode deixar de consumir, tão pouco pode deixar de produzir. Portanto, considerado do ponto de vista de uma interdependência contínua e o fluxo contínuo de sua renovação, todo o processo social de produção é simultaneamente processo de reprodução (MARX, 2015a, p. 641).

O processo capitalista de produção, ao mesmo tempo que produz mercadorias, reproduz a contradição entre força de trabalho e as condições objetivas de processamento deste trabalho. Marx (2015a) ao discutir a reprodução simples, teve como pressuposto que todo mais-valor, na produção de meios de produção, era gasto como renda, ou seja, em mercadorias na produção de meios de consumo. Entretanto, o processo capitalista de produção reproduz e condiciona o trabalho às condições objetivas do capital, maximizando, incondicionalmente, a exploração da força de trabalho em face dos interesses privados dos possuidores dos meios de produção. A sobrevivência e a própria reprodução do trabalhador ficam condicionadas à venda da força de trabalho, mercadoria sem a qual o processo de produção não se põe em movimento, não atinge seu objetivo, a produção de mais-valor. Destarte, o processo de produção na lógica do capital, “considerado em seu conjunto ou como o processo de reprodução, produz não apenas mercadorias, não apenas mais-valor, mas produz e reproduz a própria relação capitalista: de um lado, o capitalista, do outro, o trabalhador assalariado” (MARX, 2015a, p. 653). E Marx (2015b) acrescenta, não só reproduzir as condições para manutenção do capitalismo, mas reproduzir para acumular. Não só repor as condições objetivas de produção, mas pôr o capital a circular de tal forma que o mais-produto, fonte substantiva de mais-valor, seja reservado para a garantia de reprodução do capital. Trata-se da ampliação da reprodução. O mais-valor produzido, somado ao capital constante e ao capital variável investidos, demonstram o excedente. Esse excedente, se gasto pelo capitalista para o seu consumo pessoal, não o permite acumular. Sobra apenas o que foi investido anteriormente para garantir a manutenção da reprodução de forma simples. Em contrapartida, parte do mais-valor, ou sua totalidade, se investido em um novo processo de produção, é convertido em capital constante adicional, a partir da sua transformação em elementos naturais do capital produtivo que aumentará o mais-produto, portador de mais-valor. Mas o capitalista pode, ainda, pouco a pouco, retirar parte desse mais-valor como dinheiro para



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

usar em circunstâncias adversas, reposição, ou manutenção do capital constante, ou ainda, entesourar, como diz Marx (2015b).

Esse montante é o capital monetário potencial e encontra-se em diferentes etapas do processo produtivo, não importando se atenderá à ampliação do capital ou à criação de novos empreendimentos industriais. Uma parte dos capitalistas empregam constantemente uma parte de seu capital monetário potencial em capital produtivo, com a compra de meios de produção, com o dinheiro entesourado, em face da realização do mais-valor. Outra parte, se dedica a entesourar seu capital monetário potencial. O entesouramento é a retirada da circulação do mais-valor pelo capitalista, a partir da venda do mais-produto. “O entesouramento não é produção de modo algum, e tampouco, por conseguinte, um incremento da produção” (MARX, 2015b, p. 598). Essa operação ocorre não apenas no que se refere a esse capitalista especificamente, mas em outros numerosos pontos da circulação que envolvem aquela produção em particular, envolvendo outros capitalistas.

Esses numerosos pontos nos quais o dinheiro é retirado da circulação e acumulado em numerosos tesouros individuais, ou em capitais monetários potenciais, parecem ser outros tantos obstáculos à circulação, porquanto imobilizam o dinheiro e o privam por um tempo mais ou menos longo de sua capacidade de circular (MARX, 2015 b, p. 599).

A quantidade de dinheiro disponível é sempre maior do que a quantidade presente na circulação ativa, mesmo havendo acréscimo, ou decréscimo dessa parcela de acordo com as condições presentes. Esses capitais potenciais no interior do sistema de crédito, em face do sistema de concentração nos bancos, se tornam capitais disponíveis, “capital que pode ser emprestado [...] e, mais precisamente, deixam de ser capital passivo, [...], e se tornam capital ativo, usurante [o verbo usurar aqui no sentido de crescer” – nota do tradutor]. (MARX, 2015b, p. 599). Aqui, só se considera a circulação na produção dos meios de produção, forma natural do mais-produto, parte do produto total, forma natural de um elemento do capital constante, ou seja, meios de produção que criam mais meios de produção.

Para obter o mais-valor os capitalistas não precisam adiantar nada. Nada lhes custa. Os capitalistas apenas adiantam (disponibilizam), o capital constante e o capital variável e, o trabalhador, com seu próprio trabalho, tanto conserva o capital constante, como também

Repõe o valor variável de seu capital mediante uma nova parcela correspondente de valor criado em forma-mercadoria [...] por meio de seu mais-trabalho, [e] fornece-lhes ainda um mais-valor, existente sob a forma de mais-produto. Por meio da venda sucessiva desse

mais-produto os capitalistas formam um tesouro, capital monetário adicional em potência. (MARX, 2015b, p. 603).

Em síntese, as condições de produção são as mesmas condições de sua reprodução. Então, se há produção na forma capitalista, a reprodução também será na forma capitalista. Não há, pois, duas esferas separadas, a da produção e a da reprodução. O capital necessita incondicionalmente reproduzir-se para manter-se e ampliar-se. O processo de reprodução é o processo continuado da produção e ampliado sob a lógica do capital. É o processo de reprodução da riqueza, da distribuição da riqueza entre os diferentes agentes da produção. A reprodução das contradições sociais e lutas sociais inerentes à lógica do capital. *Reprodução que envolvem sujeitos sociais, classes sociais e lutas sociais.*

Não obstante, esse processo é real. É a arena na qual emergem as relações sociais de produção e reprodução em face da lógica do capitalismo e seu complexo processo de acumulação. Ocorre assim também, a dimensão da inserção da profissão de Serviço Social, identificado ineditamente por Iamamoto (1988) e que fornece a análise dos fundamentos históricos, teóricos e metodológicos da profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho e de seu significado social no processo de produção e reprodução das relações sociais. Inclusive, a própria discussão do trabalho do assistente social na dupla dimensão do trabalho, trabalho concreto e trabalho abstrato.

Revisitando o debate sobre trabalho e Serviço Social

A centralidade posta pelas Diretrizes Curriculares de 1996 na questão social e no trabalho fundamenta a necessidade desta breve referência quando se trata de visitar o debate histórico crítico do Serviço Social em relação ao trabalho profissional. As múltiplas manifestações da questão social,¹ entendidas como o conjunto da expressão de desigualdades e lutas sociais que resultam da contradição capital x trabalho, constitui o objeto do trabalho do profissional de Serviço Social e fundamenta sua própria especialização. Neste contexto, é oportuno lembrar o marco da redefinição do projeto profissional dos anos de 1980 sobre o significado social da profissão.

É importante salientar que, considerando a década de 1980 como marco temporal, já se passaram mais de 40 anos deste processo que se conformou a partir um amplo engajamento e empenho desta categoria profissional na construção e consolidação de uma perspectiva de

¹ Sobre o tratamento da questão social na literatura profissional, ver: Revista *Temporalis*, n 3 (2001).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

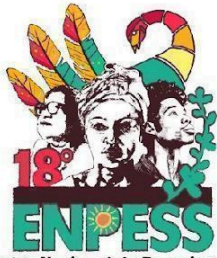
trabalho profissional alinhada a uma direção social e política do trabalho comprometida com as lutas e as necessidades da classe trabalhadora. Ao longo deste período, ampliaram-se as bases de legitimação deste projeto profissional, que está intimamente associado à perspectiva de uma ordem societária contra hegemônica, assentada em bases progressistas e humanistas. Além disso, trata-se de uma concepção fundamentada em uma matriz explicativa da realidade que privilegia a interlocução entre a realidade social e a profissão, devidamente amparada na teoria marxiana e na tradição marxista.

Contudo, mesmo com os avanços identificados neste lastro de quatro décadas quanto ao engajamento de uma parcela hegemônica da categoria a profissional no fortalecimento e aprimoramento em torno deste projeto de profissão, ainda se identificam lacunas que precisam ser problematizadas a fim de que se possa aprofundar e qualificar o debate sobre as dimensões que cercam o significado social da profissão na sua particularidade, mas que principalmente aprofunde os caminhos para a apreensão do Serviço Social no movimento histórico da sociedade, no âmbito do processo de reprodução das relações sociais.

A respeito das interpretações de caráter histórico-crítico sobre a profissão que se expandiram nestas últimas décadas, conforme já constatado por Iamamoto (2008), é possível observar um privilegiamento da dimensão concreta do trabalho, ou seja, os estudos e discussões que se debruçam sobre a própria profissão fazem a sua abordagem sob a ótica das características qualitativas deste trabalho, a partir da sua inserção e movimentação no interior da divisão social e técnica do trabalho. Conforme a autora em questão,

a análise do processamento do trabalho do assistente social não adquiriu nem foi totalizado nas suas múltiplas determinações, estabelecendo-se uma frágil associação entre os fundamentos do Serviço Social e o trabalho profissional cotidiano, uma vez que este abrange um conjunto de mediações que não foram alvo privilegiado da referida produção. (IAMAMOTO, 2008, p. 213-214).

Apreender o significado social do trabalho do assistente social sob o seu duplo caráter, enquanto trabalho concreto e trabalho abstrato, suscita um novo campo de mediações que conformam e determinam o trabalho profissional. Estas mediações auxiliam na desmistificação das contradições que permeiam a relação entre o trabalho assalariado e a intencionalidade dos agentes desta profissão. É a observância da condição de assalariamento que permite a ultrapassagem de leituras ambíguas que concebem somente a dimensão concreta do trabalho, centralizado no valor de uso dos seus produtos e resultados deste exercício. O assistente social para exercer a sua atividade profissional tem como condição a venda da sua força de trabalho e a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

partir desta relação de assalariamento submete, inevitavelmente, o seu trabalho à lógica de valorização do capital. Presume apreender que a intencionalidade profissional, por mais que esteja alinhada aos pressupostos de um determinado projeto ético-político, está sujeita a processos de exploração e alienação inerentes a todas as formas de assalariamento. Ou seja, “a análise do trabalho profissional supõe considerar as tensões entre projeto profissional e alienação do trabalho social no marco da luta da coletividade dos trabalhadores enquanto classe.” (IAMAMOTO, 2008, p. 214).

Decifrar a profissão a partir da categoria trabalho segundo a perspectiva marxiana exige apreender o Serviço Social sob dois ângulos: primeiro, o Serviço Social é uma profissão forjada nos processos históricos da sociedade brasileira,² conformando-se enquanto uma especialização do trabalho, que compartilha o mesmo espaço com as demais especialidades que compõem a divisão social e técnica do trabalho; segundo, a profissão também é resultado do modo como os seus agentes materializam o seu trabalho, bem como as formas como pensam e concebem o seu exercício. Sendo assim, os seus agentes, trabalhadoras e trabalhadores do Serviço Social, conseguem imprimir através do trabalho e do discurso, limitadamente, ainda que sob condições não por eles determinadas, a marca de suas projeções na conformação da profissão na realidade social.

Destarte, a categoria trabalho é elemento chave no desvelamento do significado da profissão. Ainda que aparente ser uma irrelevante troca de termos - prática por trabalho -, perceber a atividade profissional dos assistentes sociais enquanto trabalho, como uma especialização do trabalho que comunga com outras especializações. Desse modo, a participação em processos de trabalho subentende compreender a profissão como parte do trabalho coletivo, determinada socialmente pelas condições macrossociais e pelas iniciativas dos sujeitos que a realizam na medida em que materializam no real suas intencionalidades assentadas em determinados valores ético-políticos. Conforme defende Iamamoto, “a análise da ‘prática’ do assistente social como trabalho, integrado em um processo de trabalho permite mediatizar a interconexão entre o exercício do Serviço Social e a prática da sociedade.” (2004, p. 60).

Conforme Marx (2015a), o trabalho é atividade exclusivamente humana que abrange uma relação que se estabelece entre o sujeito que trabalha e a natureza. É através desta relação que a humanidade satisfaz as suas necessidades, sejam estas derivadas do estômago ou do espírito,

² A profissão de Serviço Social analisada na história, e não como uma história, pressupõe a superação de concepções endógenas que desconsideram a relação determinante e dialética entre o movimento histórico do real e a profissão. Para aprofundar o assunto, ver: Iamamoto e Santos (2021).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

afirmando-se enquanto ser social. Através do trabalho, o trabalhador ao acionar suas forças físicas e mentais intervém sobre o seu objeto, promovendo transformações na natureza e, conseqüentemente, mudanças no mundo que o cerca. Mas esta transformação não se restringe à natureza externa, dado que encerra mudanças na sua própria natureza, empreendendo novas formas de perceber a si próprio e a realidade. Como atividade tipicamente humana, o trabalho diferencia os sujeitos dos demais animais por este primeiro dispor da capacidade de projetar, ou seja, de possuir a capacidade teleológica de vislumbrar o resultado do trabalho, satisfazendo as necessidades que desencadearam este processo, ao mesmo tempo em que engendra novas necessidades.

Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei o tipo e o modo de atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato isolado. (MARX, 2015a, p. 255).

Se há capacidade intelectual de projeção e intenção, que direciona o trabalho a um determinado fim, compreende-se a existência de uma dimensão ética que está relacionada a determinados valores que, sob uma relação dialética, também são forjados neste mesmo processo.

O processo de trabalho implica a existência de uma matéria-prima ou objeto de trabalho, os meios e instrumentos, bem como a própria força de trabalho.³ O trabalho profissional do assistente social com base nestes elementos, que compõem qualquer processo de trabalho, independentemente das suas características qualitativas, tem como o objeto de trabalho as manifestações da questão social. Desta forma, é fundamental a apropriação por parte destes profissionais de como estas expressões se constituíram e se constituem historicamente na realidade social e na vida cotidiana dos usuários atendidos através dos mais diferentes serviços e políticas. Mais do que isto, as expressões da questão social devem ser apropriadas a partir de um viés totalizante, mediadas pelos aspectos conjunturais e estruturais da sociedade do capital. “Nesta perspectiva, o conhecimento da realidade deixa de ser um mero pano de fundo para o

³ Nos termos de Marx: “Os momentos simples do processo de trabalho são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios” (MARX, 2015a, p. 256).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

exercício profissional, tornando-se condição do mesmo, do conhecimento do objeto junto ao qual incide a ação transformadora ou esse trabalho.” (IAMAMOTO, 2004, p. 62).

Ainda conforme a autora em questão, os instrumentos de trabalho deste profissional devem ser compreendidos para além das técnicas (visitas domiciliares, entrevistas, acolhimento, elaboração de documentos e pareceres, entre outros). O conhecimento, ou seja, as bases teórico-metodológicas são meios de trabalho, que possibilitam e qualificam o trabalho. Inclusive, apesar de se tratar de uma profissão regulamentada como liberal, o assistente social não dispõe de todos os meios e instrumentos de trabalho necessários para realizar as suas atividades. O assistente social precisa vender a sua força de trabalho para acessar os meios e recursos disponibilizados pelas entidades empregadoras que serão acionadas por sua força de trabalho. A condição de assalariamento é característica fundamental do trabalho destes profissionais, pois determina seu nível de liberdade de atuação, ou conforme as palavras de Iamamoto (2004), este profissional dispõe de uma relativa autonomia, pois quem o contrata tem a expectativa por um determinado produto do trabalho e, assim sendo, irá condicionar o modo como serão acionados os meios e os instrumentos disponibilizados. “Portanto, a condição de trabalhador assalariado não só enquadra o assistente social na relação de compra e venda da força de trabalho, mas molda a sua inserção socioinstitucional na sociedade brasileira.” (IAMAMOTO, 2004, p. 63).

Isto posto, as expressões da questão social enquanto objeto de trabalho, somadas à condição de assalariamento para o exercício do seu trabalho, a realidade social e as condições contratuais estabelecidas entre empregadores e trabalhadores não podem ser consideradas como um cenário de fundo, como meros apêndices dos processos de trabalho. Ao contrário, são elementos condicionantes do trabalho profissional.

O trabalho propriamente dito é realizado por sujeitos partícipes de uma classe social. São sujeitos com história e com memória, atravessados por relações de raça, de gênero, com vivências de exploração e de opressão que, por sua vez, se constituem em traços estruturantes que sustentam o modo de produção sob a hegemonia do grande capital, reforçando as marcas da subalternidade presentes no Serviço Social desde sua institucionalização. Trata-se de um perfil de trabalhadoras e trabalhadores que historicamente são objetos da superexploração do trabalho, sujeitos aos mais diversos métodos utilizados por quem contrata a sua força de trabalho para extrair ao máximo trabalho excedente. Do mesmo modo, estas características que constituem a categoria profissional são as mesmas que, forjadas nas mais diferentes frentes de resistência às

consequências sociais geradas pelo capital, têm historicamente se mostrado comprometida com os interesses e necessidades da classe trabalhadora que também integra.

Considerações finais

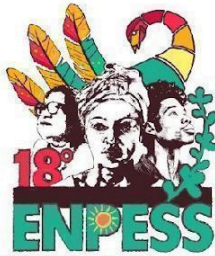
O presente trabalho buscou explorar as bases teórico-metodológicas da crítica da economia política e sua relação com o Serviço Social, destacando a importância de entender o trabalho do assistente social dentro do contexto da divisão social e técnica do trabalho. Ao longo do estudo, evidenciou-se a necessidade de uma análise profunda e contínua das relações sociais de produção e reprodução na sociedade capitalista, conforme proposto por Karl Marx.

O processo de produção e reprodução capitalista não só cria mercadorias, mas também perpetua as condições de exploração da força de trabalho. Este ciclo contínuo de valorização do capital sublinha a importância de compreender a força de trabalho como elemento central, não apenas na produção de valor, mas também na geração de mais-valor. A análise marxiana revelou que o trabalho do assistente social deve ser visto a partir desta totalidade que é histórica, teórica e metodológica, reconhecendo sua inserção nas contradições e lutas sociais que caracterizam o modo de produção capitalista.

Ao revisitar o debate sobre trabalho e Serviço Social inaugurado por Marilda Iamamoto constatou-se que, apesar dos avanços nas últimas décadas, ainda existem lacunas significativas na compreensão dos fundamentos teóricos da profissão. A superação dessas lacunas exige um esforço contínuo de reflexão crítica e engajamento na luta pela transformação social, alinhado aos princípios de uma perspectiva progressista e humanista.

Portanto, reafirmamos a relevância da apreensão do Serviço Social no âmbito do processo de produção e reprodução das relações sociais, destacando a importância de uma abordagem crítica que considere tanto o trabalho concreto quanto o trabalho abstrato. Este entendimento é crucial para fortalecer a profissão e contribuir de forma significativa para a luta pelos direitos e necessidades da classe trabalhadora.

Bibliografia



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

IAMAMOTO, Marilda Villela e CARVALHO, Raul de. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 6ª edição. São Paulo: Cortez; [Lima, Peru]: CELATS, 1988.

_____. IAMAMOTO, M. V. *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. IAMAMOTO, M. V. *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARX, Karl. *Capítulo VI Inédito de O Capital: resultados do processo de produção imediata*. São Paulo: Editora Moraes Ltda. s/d.

_____. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. 1ª edição revisada. São Paulo: Boitempo. 2015a.

_____. *O capital: crítica da economia política: Livro II: o processo de circulação do capital*. 1ª reimpressão. São Paulo: Boitempo. 2015b.